

NOTA DE APRESENTAÇÃO

Depois de mais de quarenta anos de devotamento ao ensino, à investigação e à divulgação da história (em primeiro lugar, da história de Portugal), Luís Reis Torgal achou por bem usufruir do direito adquirido por uma vida de trabalho e decidiu passar à situação de reformado.

Quer como investigador, professor e comunicador, quer como empenhado impulsionador (orientou dezenas de teses de Mestrado e Doutoramento) e bom juiz de vocações (ultrapassa as duas centenas a sua participação em júris), quer pela sua militância em prol da publicitação de conhecimentos produzidos por si e por outros colegas (recorde-se que dirigiu, com proficiência, duas revistas universitárias e duas colecções de livros de história), quer como defensor do papel imprescindível da perspectiva histórica para a compreensão do mundo e da vida, quer, ainda, como um universitário fiel aos princípios humboldtianos, ele não só soube dar continuidade a uma "escola" (iniciada por José Sebastião da Silva Dias), como, por mérito próprio, conquistou uma posição ímpar na historiografia portuguesa.

Não é ocasião para se pormenorizar toda a extensão da sua bibliografia, tanto mais que aquela opção não significa o abandono das suas actividades de pesquisador. De onde não ser ainda o tempo para homenagens que não sejam um bom pretexto para, "fazendo" historiografia, se continuar a cumprir os dois grandes objectivos da sua vida profissional: a História e a Universidade. E é este o propósito fundamental do número 29 da *Revista de História das Ideias*, que ajudou a fundar e que, depois de José Sebastião da Silva Dias e de Manuel Augusto Rodrigues, tão proficientemente dirigiu entre 1982 e 2002.

E, como tema, a sua redacção escolheu, não por acaso, a combinação entre dois conceitos - *Tradição e Revolução* - que julga sintetizarem bem o núcleo duro dos seus escritos.

Com efeito, apesar da vastidão de um legado em aberto e que, em termos cronológicos, incide sobre questões que vão desde o século XVII ao século XX (período que, ultimamente, tem privilegiado), tais conceitos dão coerência ao seu trajecto, pois condensam as preocupações maiores que atravessam boa parte das dezenas e dezenas de títulos que deu à estampa. Seja pelo predomínio de um sobre o outro, seja pela recuperação que um fez do outro, é a tensão entre as realidades referenciadas por aqueles dois termos que perpassa pelos movimentos políticos e ideológicos que investigou, a saber: a Restauração de 1640; o Pombalismo; a Revolução Vintista e a Contra-Revolução Tradicionalista; a Revolução Republicana (atente-se no seu belo estudo sobre António José de Almeida); Salazar e o Salazarismo, o Estado Novo e os Fascismos. É ainda a mesma correlação que se surpreende nos estudos sobre assuntos que sempre lhe interessaram, não só como historiador, mas também como cidadão, e onde se deve destacar os respeitantes ao ensino e ao passado, presente e futuro da Universidade.

No essencial, foi esse o espírito que mobilizou a colaboração dos que marcam presença nas páginas que se seguem. Muitos outros gostariam de ter dado um análogo contributo. E, se o não fizeram, foi porque, por culpa nossa, não foram convocados. Responsabilidade que somente pode invocar, como atenuante, razões de espaço e, sobretudo, o facto de a iniciativa não pretender ser a "homenagem", nem desejar substituir-se a outras homenagens que a obra e vida de Luís Reis Torgal sobejamente merecem.

O Coordenador

Fernando Catroga